
Umbanda: uma análise das tradições e rituais umbandistas¹

Jeremias Francisco Santos MOURA²

Guilherme dos Santos ALVES³

Mateus Milton da SILVA⁴

José Matheus Luz SILVA⁵

Paulo Fernando Mafra de Souza JUNIOR (orientador)⁶

Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (Faculdade R.Sá)

RESUMO

A Umbanda assim como outras religiões de matriz africana vem resistindo ao preconceito e as dificuldades impostas pela sociedade. Sendo assim, a proposta deste trabalho é investigar as peculiaridades da Umbanda como manifestação cultural. Com isso, escolhemos o Terreiro de Iemanjá no bairro Aerolândia, em Picos. Diante disso, para fundamentarmos este trabalho utilizamos a pesquisa bibliográfica com base em autores que possuem domínio sobre o tema, bem como, a pesquisa de campo para que pudéssemos relacionar a teoria com prática acerca das crenças umbandistas. Desta forma, salientamos a importância da Umbanda como manifestação cultural. Contudo, ressaltamos a importância de entender as diversidades culturais de cada religião, as diferentes formas de crenças, costumes, tradições que perfazem a nossa cidade e nosso país em si, para que seja amplamente explorada e reconhecida pela sociedade.

PALAVRAS CHAVES: Umbanda; Cultura; Terreiro de Iemanjá.

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho apresentado na IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Jeremias Francisco Santos Moura, graduando em Jornalismo. Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Faculdade R.Sá. E-mail: jsantos23@hotmail.com

³ Guilherme dos Santos Alves, graduando em Jornalismo. Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Faculdade R.Sá. Email: guilherme2.017@outlook.com

⁴ Mateus Milton da Silva, graduando em Jornalismo. Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Faculdade R.Sá. E-mail: mateus27-06@hotmail.com

⁵ José Matheus Luz Silva, graduando em Jornalismo. Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Faculdade R.Sá. E-mail: mluz4788@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor e Historiador (FUNESO) especialista em Ensino de História das Artes e das Religiões (UFRPE) e em História do Brasil (UFPI), mestre e doutor em Serviço Social (UFPE). Realizou estágio de doutorado no Centro de Estudos Africanos (CEA) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em Maputo - Moçambique, como bolsista da CAPES/AULP. Membro do Instituto de Estudos da África - IEAf/UFPE; da Comissão de Direitos Humanos da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR); dos grupos de pesquisa História e Culturas Religiosas e do Laboratório de História Antiga e Medieval (LABHAM); Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Sociais e Direitos Sociais (NEPPS). Professor integrante do Núcleo Docente Estruturante dos cursos de Pedagogia, Serviço Social, Comunicação Social/Jornalismo, Direito e Núcleo de educação à distância - NEAD dos cursos do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá/IESRSA. Tem experiência em Ensino de História como professor substituto/regular na UESPI, IFPI, UFPI, Faculdade R.Sá e Colégio Antares, nas disciplinas: História, Conteúdos e Metodologias do Ensino de História, Estágio Supervisionado no curso de História, Direitos Humanos e Relações Étnico-raciais, História Indígena, História das Américas, Cultura brasileira e Formação Social e Política do Brasil, História das Ideias Políticas e Sociais, Antropologia jurídica e cultural. Recentemente desenvolveu projetos de ensino & extensão [Didática das africanidades na escola; Mês da consciência Negra; Semana de Combate ao Racismo; Piahy (Afro)Indígena] e consultoria técnica/voluntária ao Grupo Cultural Adimó, Grupo Guaribas de Livre Orientação Sexual, União Umbandista de Picos e ProBrasil. Autorx do livro: O silêncio e o segredo do Cabeça de Cuia: Violência contra gays, homofobia e militância LGBT no Vale do Rio Guaribas (2015); e tese: Estratégias Decoloniais dos Direitos à Saúde Sexual e Reprodutivas das pessoas trans afroindígenas: Análises críticas às políticas do corpo a partir do site da Associação LAMBDA/Moçambique (2018).

Segundo Santos (2004), a cultura faz parte da história de todos os povos e da nação em si. Sendo assim, sempre fez parte da sociedade e permanece viva nos dias atuais. As culturas se desenvolvem de variadas maneiras possíveis, resultando em diferenças em relação às demais. Portanto, são sujeitas a transformações perante determinados locais, e, durante o passar dos anos. Diante disso, o autor destaca:

Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. (SANTOS, 2004, p. 07)

Considerando essa ideia de diversidade cultural (SANTOS, 2004), ressaltamos a necessidade de entendermos determinadas crenças. Sendo assim, conhecer como se dá a manifestação da religião Umbanda, especialmente voltando-se para a cidade de Picos com a proposta de analisar as diferenças culturais e as visões de mundo de cada ser.

A partir desse entendimento, o presente trabalho propõe refletir sobre as diversidades culturais, especialmente em relação à comunidade Umbanda, a partir do relato das observações e da vivência no ambiente ao qual acontecem as manifestações culturais relacionadas ao terreiro de Iemanjá no Bairro Aerolândia, em Picos.

Diante disso, esse documento pretende também estabelecer a importância de conhecer as diversidades culturais existentes ao redor. Principalmente, na perspectiva de aderir novos conhecimentos voltados como experiência extraclasse e de cunho acadêmico.

Com isso, fundamentamos o trabalho através de livros em que tratam detalhadamente a religião Umbanda, bem como suas observações e principalmente ideias em torno das manifestações culturais.

Sendo assim, levantamos o seguinte questionamento, qual sentimento a Umbanda transmite a partir dos seus ritos, cantos, vestimentas e crenças? Sendo uma manifestação riquíssima que de acordo com Tinhorão (2001) representa “uma invocação especial de caráter religioso, expressa por meio de cantos e danças” (TINHORÃO, 2001, p.161).

Diante disso, o terreiro foi escolhido com intuito de entender como se dá as manifestações da Umbanda. Vale ressaltar, a proposta de analisar a relação entre o conhecimento teórico e prático acerca do assunto. Assim, ressaltamos os costumes e tradições perante a os jovens e a sociedade em si, explorando, principalmente as experiências adquiridas durante o convívio extraclasse.

METODOLOGIA

A reunião de critérios analisados neste trabalho parte como os ritmos, tambores, danças e vestimentas da Umbanda podem interferir no sentimento seus adeptos. Desta forma, decidimos nos inserir durante rituais adotados pelos fiéis umbandistas no dia 7 de maio de 2018, no bairro Aerolândia em Picos.

Diante disso, para instrumentalizar nosso trabalho, dividimos em duas etapas. Sendo elas, a pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica. Inicialmente, partimos da perspectiva da pesquisa bibliográfica a partir do embasamento através de autores renomados. Sendo assim, em relação a esse método Gil (2008), destaca:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (GIL, 2008, p. 50)

Na fase da pesquisa de campo, utilizamos como método a pesquisa participante com intuito de participar ativamente das atividades realizadas em nossa presença. Assim, a pesquisa participante proporciona reflexões e promove uma relação maior acerca das atividades relacionadas de uma comunidade, como destaca Schimidt (2006):

A prática da pesquisa participante é capaz de aglutinar em torno de si tanto a reflexão epistemológica que interessa à ruptura com o paradigma positivista quanto a apreensão crítica das dimensões éticas e políticas das pesquisas de campo, configurando metodologias que promovem uma relação com o outro próxima à ideia de comunidades interpretativas. (SCHIMIDT, 2006, p. 13)

Desta forma, entendemos que ajudará compreendermos e discutirmos os objetivos traçados anteriormente. Contudo, a escolha do local de visita se deu pelo fator proximidade, e pelo fato que o terreiro de “Mãe Jandira ou Iemanjá” ser bastante conhecido em Picos e região.

CULTURA E UMBANDA

Segundo Ferreira (2016), a cultura está relacionada com manifestações coletivas, que possui diferentes vertentes, sendo que a melhor forma para é entende-la e analisar suas

características interdisciplinares, mas sempre cientes das dificuldades quando tentamos achar uma definição para cultura.

Por isso a necessidade de relacionar o conceito de cultura à arte, mas também às crenças, aos costumes e valores, ao conhecimento, aos bens sociais e às ações e manifestações sobre as quais ocorrem comunicação e troca, envolvendo também o intelecto (FERREIRA, 2016, p. 56).

Dentre as diversas formas de cultura citadas por Ferreira estão as crenças religiosas. Com isso, segundo Juruá (2013), a Umbanda é uma religião brasileira, que reúne elementos de correntes distintas entre elas o catolicismo, espiritismo e as religiosidades africana, indiana e indígena.

A Umbanda é uma religião com bases críticas, nascida, fundamentada e propagada em solo brasileiro, alicerçada em tudo o que é positivo de algumas filosofias e religiões planetárias existentes e não mais existentes. Como prática religiosa, surgiu e se desenvolve no Brasil. Do Espiritismo absorveu o estudo sistemático da mediunidade e dos Espíritos. Do catolicismo absorveu a crença em Jesus, em alguns Santos, Anjos e alguns sacramentos positivos. Dos cultos-afros absorveu os Sagrados Orixás, a temática de oferendas, despachos, e, em alguns Terreiros (contrariando o fundador), o atabaque. Dos cultos indígenas, o uso das ervas e do Tabaco, o respeito a Terra e tudo o que ela possui e, finalmente, do ocultismo e orientalismo toda a gama de informações sobre o mundo oculto, mantras, concentração, meditação, etc.

EXPERIÊNCIAS ADERIDAS NO TERREIRO DE IEMANJÁ NO BAIRRO AEROLÂNDIA, EM PICOS

Para entender as peculiaridades da Umbanda, decidimos nos inserir no Terreiro de Iemanjá que é adepto a essa religião, sendo escolhido pelo fator proximidade, algo que torna mais acessível, pois a sede do “Terreiro de Mãe Jandira” ou como a mesma define “Terreiro de Iemanjá” está localizada no Bairro Aerolândia na cidade de Picos.

Mas antes de relatar a experiência vivida por nós, que participamos do culto, um ponto muito importante, é o notável preconceito por parte das pessoas, quando se trata de religião de matriz africana, talvez seja a falta de conhecimento ou simplesmente, a construção ideológica de instituições que se baseia em sua superioridade gerando uma invasão cultural que pode afetar diretamente a existência de povos, como destaca Tinhorão (2001):

Alguém baseado na superioridade de sua força penetra em território alheio, e aí se estabelece, originando a conseqüente realidade da existência de um dominador e um dominado. Trata-se, pois, de uma imagem extraída da experiência histórica, que mostra através dos tempos a existência de povos invasores e povos subjugados, e todo um corolário de conseqüências, não apenas políticas sociais e econômicas, mas humanas, sociais e culturais.

Vale destacar que essa superioridade apontada por Tinhorão (2001) é posta em prática pela sociedade. Um exemplo claro, é o preconceito. Diante disso, ressaltamos, que enquanto procurávamos o local, paramos para perguntar à um senhor que morava próximo, para que pudéssemos ter a localização, sendo assim, o mesmo nos disse: “você estão atrás é de macumba”, sendo nítido o espanto e a ignorância da sociedade em considerar traços de uma manifestação cultural como algo “ruim”.

O preconceito e a ignorância acerca da Umbanda talvez se expliquem pela falta de espaço da religião nas mídias tradicionais em comparação com outras religiões. São religiões que mantêm grandes emissoras de TV e Rádio e que levam diariamente ao público as suas celebrações e cultos religiosos, algo que não acontece com a Umbanda ou outras religiões de matriz africana, que sequer tem espaço nos grandes veículos de comunicação do país.

Contudo, participamos dos rituais, assim como os adeptos da Umbanda, porém sem possuir um conhecimento aprofundado a respeito do que estava acontecendo. Para alguns de nós, os ritos realizados naquele local trouxeram um receio, para outros, não houve surpresas, pois já haviam participado em outras ocasiões. O ritual realizado era chamado de gira pelos umbandistas.⁷

Com isso, observamos a estreita relação da Umbanda com os ritmos de percussão de tambores, orações e cantos, pluralidade desse rito, como de presenciar algo sistêmico e cheio de significados. Nessa ocasião essas manifestações acabam sendo na maioria das vezes vista de forma negativa por grande parte da sociedade, devido as ações estrangeiras ainda não caracterizadas como típicas do nosso Brasil, como pontua Tinhorão (2001):

A estreita ligação dos negros da África Ocidental subsaariana com os ritos de percussão de tambores, danças com movimentos corporais de caráter coreográfico à base de coros explica-se pelo fato da própria vida comum das pessoas obedecer naquelas regiões a ritos de caráter religioso (TINHORÃO, 2001, p.161).

Diante disso, avaliamos, que para alguns de nós, foi uma experiência ímpar e enriquecedora, além da quebra de estereótipo imposta pela sociedade, bem como pela formação religiosa imposta pela fé católica. Segundo Chauí (2000) vale ressaltar que este fato imposto pelos católicos vem desde a chegada dos lusitanos que durante a colonização exigia

⁷ Vale ressaltar que durante o ritual realizado um dos integrantes da equipe idealizador desse trabalho foi considerado pelos participantes como “médium” que segundo Kardec (2005) pode ser caracterizado como aquele que tem influência e contato com espíritos.

que todos pensássemos iguais e punia a todos que tivessem práticas religiosas diferentes. Entretanto, a Umbanda continuou resistindo aos pré-conceitos formados a sua diversidade cultural.

A vivência no terreiro nos permitiu a desconstrução de alguns preconceitos e visões distorcidas acerca da Umbanda e sua ritualística, assim como nos proporcionou a construção de um novo olhar em relação à religião, com o respeito e admiração que a Umbanda e os seus adeptos merecem.

Vale destacar que o local visitado é consagrado por Iemanjá, no qual é Padroeira do terreiro, sendo ela também, o firmamento, a força daquele lugar, como destaca Jandira. Desse modo, é perceptível que o grupo destina sua fé a uma força retratando como representante não só ambiente, mas também como pessoal.

O terreiro é de Iemanjá, a Padroeira do terreiro é ela, o firmamento é ela. Chamamos de firmamento a firmeza da congá, a dona do terreiro. Tem os mentores espirituais que trabalham dentro da congá, mas, tem a governante da linha que é ela, a força é ela.



Imagem 1: Congá do firmamento de Iemanjá. **Fonte:** Autoria própria.

Outro aspecto que vale ser ressaltado segundo Jandira (2018) é o altar e seu simbolismo, onde é representado Jesus, que na umbanda é a divindade de Oxalá, e os santos, são a linha de Oxalá, essa linha, representa o princípio, o inexistente, é o verbo solar, representam a luz, e são esses que governa as linhas de santos. Entretanto, na Umbanda eles vem como São João Batista, São Sebastião, Ibejis (Orixas crianças, associado a São Cosme e Damião) que vem também na linha de Oxalá. As crianças valorosas, tem também os povos ciganos, que trabalham dentro do Congá.

É no altar onde pode se observar os elementos mais fortes do sincretismo religioso que acontece entre a Umbanda e outras religiões como Candomblé, Espiritismo e principalmente, o Catolicismo. A utilização de imagens de santos da fé católica é uma característica que já vem dos primórdios do Candomblé no Brasil e que encontra explicação no preconceito e perseguição que a religião sofreu no Brasil por conta de suas raízes africanas e por ser praticada principalmente por negros e escravos no seu prelúdio.



Imagem 2: Congá da linha Oxalá. **Fonte:** Autoria própria.

Contudo, finalizamos nossa fundamentação em relação a experiências vividas, ressaltando que precisa evoluir muito para deixarmos o preconceito de lado. Desta forma, entende-se a necessidade de conhecer afundo cada cultura e respeitar suas crenças, além das diversidades culturais e práticas que são repassadas de geração para geração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada em campo, notamos que este trabalho contribuiu para compreendermos e, ao mesmo tempo, informar a sociedade e documentarmos as peculiaridades umbandistas. É notório que muitas pessoas não conhecem o cotidiano da religião e criam visões preconceituosas acerca dessa crença, sendo mantidas de acordo com o que alguns da sociedade pensam sem ao menos possuírem determinado conhecimento prévio.

A partir dessa perspectiva, observamos uma presença forte de estereótipos em relação à Umbanda, assim como, nas demais religiões de matriz africana. Nesse contexto é perceptível, a relutância dos umbandistas para que suas crenças, costumes e tradições sejam repassados de

geração para geração. Destacamos a aglomerada presença de jovens, que desde cedo, são ligados a esse movimento religioso. Sendo assim, é claramente visível que existe toda essa forma de resistência, ao qual fortalece a união dos membros da comunidade.

Contudo, encontramos motivação de entender e presenciar na prática o cotidiano dos fiéis a religião em questão. Com isso, analisamos os sentimentos dos adeptos, as suas crenças e, ressaltamos a necessidade de respeitarmos as diversidades culturais, independente da religião e do contexto ao qual se encontram. Portanto, destacando a importância da inserção acadêmica em manifestações culturais, como forma de construção de saber e conhecimento acerca do desenvolvimento da cultura local.

Nesse contexto, voltemos apenas para uma das comunidades existentes na cidade de Picos, mas, a partir dessa atividade podemos observar brevemente traços da diversidade cultural picoense. Diante disso, percebemos a abrangência do tema cultura brasileira. E que em relação à religião Umbanda, existe uma ligação entre povos brasileiros, como os índios e povos africanos, ao qual são repassadas através de rituais, cantos e demais manifestações.

Dando continuidade, ressaltamos que as metas estabelecidas foram executadas a partir da pesquisa de campo onde nos inserimos no ambiente do Terreiro de Iemanjá, no bairro Aerolândia na cidade de Picos, Piauí. Assim, asseguramos a necessidade do estudo sobre cultura e suas diversidades para que seja amplamente explorada e reconhecida quanto do ponto de vista da sociedade, e principalmente, quanto do ponto de vista acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000

FERREIRA, Mayara Sousa. **Memórias da cultura: estratégias e táticas de Revestrés na (re)construção das identidades piauienses**. 2016. 209f. Trabalho conclusão de curso nível mestrado (dissertação) no Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM, Universidade Federal do Piauí. Teresina-PI, 2016

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. – São Paulo : Atlas, 2008.

JANDIRA, Mãe. **Entrevista oral**. Realizada em 7 maio. de 2018.

JURUÁ, Padrinho. **Umbanda**: A manifestação do espírito para a caridade. São Caetano do Sul, 2013.

KARDEC, Allan. **O Livro dos médiuns ou Guia dos médiuns e dos evocadores**. Trad. de Guillon Ribeiro da 49. ed. francesa. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SCHMIDT, M. L. S. **Pesquisa participante**: alteridade e comunidades interpretativas. *Psicologia USP*, v. 17, n. 2. São Paulo, 2006.

TINHORÃO, José Ramos. **Cultura Popular**: temas e questões. São Paulo: Ed.34, 2001.